

Uma rede de afetos, apesar da distância

A network of affections, despite the distance

Claudiana Gois dos Santos¹

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de discutir como redes sociais, a exemplo o *Instagram*, geralmente entendido como fator de procrastinação, podem ser utilizadas como plataforma de pesquisa e divulgação científica e literária no contexto do distanciamento social recomendado durante a pandemia de COVID-19. A utilização das redes sociais como ferramenta de estudo proporcionou um contato diversificado com métodos de pesquisa e escrita acadêmica, bem como perfis de escritores dos livros que compõem o *corpus* da minha pesquisa de doutorado. Para isso, destaco três perfis no *Instagram*: o perfil da antropóloga e professora da Universidade de Brasília Débora Diniz (@debora_d_diniz), o perfil da escritora e pesquisadora Tatiana Nascimento (@tatiananascimento) e o perfil da também escritora e pesquisadora Natalia Borges Polesso (@nataliaborgespolesso). O acesso semanal às aulas de Débora Diniz proporcionou um uso mais efetivo dos métodos de escrita e pesquisa. Além disso, as discussões sobre o processo de escrita e recepção das obras dos autores, narradas por eles mesmos, auxiliaram na reflexão sobre o *corpus* da tese. Assim, conclui-se que as redes sociais, pensadas para outros fins, podem revelar-se instrumentos benéficos para a investigação e escrita acadêmica.

ABSTRACT: This article aims to discuss how social networks such as *Instagram*, generally understood as a factor of procrastination, can be used as a platform for research and scientific and literary dissemination in the context of social distancing recommended during the COVID-19 pandemic. The use of social networks as a study tool provided a diversified contact with research methods and academic writing, as well as profiles of writers of the books that make up the *corpus* of my doctoral research. For this, I highlight three *Instagram* profiles: the profile of the anthropologist and professor at the University of Brasilia Débora Diniz (@debora_d_diniz), the profile of the writer and researcher Tatiana Nascimento (@tatiananascimento) and the profile of the also writer and researcher Natalia Borges Polesso (@nataliaborgespolesso). Weekly access to Débora Diniz's classes provided a more effective use of writing and research methods. In addition, the discussions about the process of writing and reception of the authors' works, narrated by themselves, helped the reflection on the *corpus* of the thesis. Thus, it is concluded that social networks, designed for other purposes, can prove to be beneficial instruments for research and academic writing

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia COVID-19, redes sociais, metodologia científica, literatura brasileira.

KEYWORDS :COVID-19 pandemic, social networks, scientific methodology, Brazilian literature.

¹Bacharelado em Letras. Mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (PPGECLLP/USP). Bolsista CAPES.

Introdução

No presente artigo eu pretendo discutir, por meio da experiência pessoal de dois anos de doutorado, permeados pelo distanciamento recomendado para a contenção da pandemia de COVID-19, como perfis da rede social *Instagram* têm proporcionado um espaço de pesquisa valioso em oposição ao senso comum que considera o uso de redes sociais um sinônimo de procrastinação.

A procrastinação entre discentes universitários tem sido material de pesquisa de diversas áreas. No âmbito da psicologia, a procrastinação é considerada um fator que pode levar estudantes a obter uma formação menos completa em comparação com aquelas² que não têm o hábito de procrastinar. Não obstante, em um contexto como o pandêmico em que nossas atividades foram realizadas essencialmente *online*, o acesso a redes sociais pode intensificar ações procrastinadoras (GOMES, 2018, p.14-21).

Considerando o espaço do campus universitário como um potencializador de interações sociais voltadas para o desenvolvimento das pesquisas, o isolamento pode ter aumentado as distâncias entre colegas e professoras das disciplinas, grupos de pesquisa e orientadoras. Os espaços informais de diálogo sobre os estudos, como intervalos de aulas, cafés e outras reuniões foram substituídos pelo espaço formal das aulas *online*.

Desse modo, como expor dúvidas, buscar referências e discutir percepções sobre as leituras, para além das atividades formais de aulas e grupos de pesquisas? É comum que ao longo do processo de pós-graduação surjam questionamentos sobre o objeto de pesquisa, que nem sempre precisam ocupar (para além das demandas estabelecidas), as reuniões de orientação. Questionamentos estes que

² Optei pela desinência feminina em menções de grupos humanos, como “as estudantes”, e outras ao longo do texto, como forma de me referir, idealmente, às pessoas humanas. Esse é um exercício baseado no *Manual de escrita não sexista da linguagem*. (TOLEDO; ROCHA; DERMAM; DAMIN; PACHECO, 2012) e em CASTRO, Alex. *Mini-manual pessoal para uso não-sexista da língua*. Disponível em: <<https://alexcastro.com.br/sexismo/>>. Acesso em 20 abr. 22.

podem ser dialogados de forma horizontal com nossos pares e que promovem reflexões amplas sobre as pesquisas.

No caso da minha pesquisa poderia mencionar alguns questionamentos: Qual a relevância de uma pesquisa a respeito de representações literárias contemporâneas do discurso amoroso na literatura em meio a um momento de tamanha crise sanitária e política em nosso país? Estaremos hoje mais próximos ou mais distantes de significar o amor como ato político? As questões raciais, que tem ganhado cada vez mais vulto, perpassam as leituras de obras pautadas pelo discurso amoroso?

Questões similares a essas podem ter ocorrido a cada uma de nós em relação às nossas pesquisas. Mesmo a leitura por pares foi prejudicada, visto que as interações discursivas *online* perdem muito da sensibilidade e da espontaneidade do ambiente presencial. A tela não nos permite captar mãos trêmulas, respirações pausadas e outros traços importantes da comunicação de quem dá um texto a ler e de quem oferece a leitura crítica em devolução, fora de uma relação de hierarquia.

As dificuldades de gestão do tempo diante das muitas demandas acadêmicas, bem como da formulação e compreensão das etiquetas e sutilezas dos discursos *online* foram, aos poucos, assimiladas. Os grupos de estudos formais ou informais auxiliaram, na medida do possível, as dúvidas a respeito dos pontos sensíveis das pesquisas, bem como as comunicações, como foi o caso do XX Encontro de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, que promovem a escuta ativa de parte das nossas produções e aguçam novas possibilidades para alguns entraves comuns ao percurso de pesquisa.

Além disso, outra face que gostaria de destacar é que, tão importante quanto a partilha com os pares, tem sido a possibilidade de acesso via *Instagram* a duas esferas importantes no fazer acadêmico: a metodologia científica e a análise do *corpus*.

1. Metodologia de Pesquisa e Acolhimento Universitário (*Banquinhas*)

Em uma busca rápida no *Instagram* é possível encontrar muitos perfis voltados para conteúdos de Metodologia Científica, gratuitos ou pagos. A especificidade do curso de extensão Metodologia de Pesquisa e Acolhimento Universitário promovido pela antropóloga e professora de Direito na Universidade de Brasília, Débora Diniz, no entanto, é a forma democrática com que o curso surgiu. Desde a formulação do programa, o conteúdo programático, até a definição de dias e horários, todas essas questões foram definidas por uma comunidade que passa da média de 500 pessoas *online* aos domingos, fora as pessoas que assistem à gravação de cada aula ao longo da semana subsequente.

A partir da realização de *lives* aos domingos, Débora Diniz ministra a segunda edição do curso, cujo objetivo é somar-se, didaticamente, ao que já existe em termos de manuais metodológicos³ e de escrita acadêmica⁴. Um dos eixos norteadores das atividades é a compreensão das pesquisadoras inscritas como pessoas que, sobretudo em tempos de distanciamento social, dividem seu tempo de vida entre demandas profissionais, acadêmicas e da esfera doméstica de cuidado.

Importante salientar que em uma sociedade em que o cuidado ainda recai, majoritariamente, sobre mulheres, o deslocamento das atividades acadêmicas do espaço universitário para o ambiente doméstico, nem sempre significa maior ou melhor produtividade em termos de pesquisa. No artigo “O direito humano das mulheres à educação e a pandemia da COVID-19: uma análise da sobrecarga das estudantes da UEPG”, os autores afirmam que

³ Consta no programa do curso que os objetivos são: “aprimorar a iniciativa piloto Banquinha tira-dúvidas, veiculada pelo Instagram da professora Debora Diniz, em um formato estruturado de curso de extensão para oferecer às participantes um ambiente acolhedor de troca de saberes sobre epistemologia, métodos de pesquisa, escrita acadêmica e processos seletivos de pós-graduação, de modo a torná-los mais acessíveis a públicos mais amplos”. Disponível em: SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (unb.br). Acesso em: 20 abr. 2022.

⁴ Débora Diniz também é autora do livro *Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa*. 2. ed. Brasília: Letras Livres, 2013.

quando essas desigualdades entre homens e mulheres na educação superior são transportadas para a pandemia, o que se observa é um reforço intenso delas. Isso afeta diretamente a permanência e a qualidade da educação dessas mulheres, levando a desigualdade de gênero. Afinal, se não temos os mesmos bens para a vida digna, ou se temos o acesso a esses bens prejudicados, como teremos plena igualdade? Por fim, cabe enfatizar mais uma vez o óbvio, que o direito humano da mulher à educação é necessário para a construção de uma sociedade mais justa, igual e pacífica. As outras lutas e demandas das mulheres passam, fundamentalmente, pelo acesso, permanência e igualdade educacional. (BARTMEYER; SALLES FILHO, 2020, p.16)

Entre 2020 e 2021 muitos estudos, de diversas áreas, foram publicados relacionando os vetores **pesquisa, raça, gênero e cuidado**. Junto a estas pesquisas, somam-se ações de muitos professores e professoras universitárias que buscaram disseminar conteúdos científicos com seriedade, no intuito de promover um maior acesso às práticas acadêmicas de qualidade e o combate às notícias falsas sobre a ciência e o fazer acadêmico. Entre tais ações encontram-se as *lives* realizadas por Débora Diniz.

Débora Diniz, que também atua como pesquisadora, ensaísta, e documentarista com pesquisas desenvolvidas nas áreas de bioética, feminismo, direitos humanos e saúde, ganhou maior visibilidade nas redes sociais a partir da pesquisa sobre a Realização do Aborto no Brasil realizada em 2016⁵. Após sua exposição no Supremo Tribunal Federal em que divulgava os dados de sua pesquisa e defendia a descriminalização do aborto, a antropóloga foi ameaçada por extremistas religiosos contrários à causa. Débora Diniz vive fora do Brasil desde 2018, quando, após as eleições presidenciais, as ameaças contra ela foram intensificadas.

Auto identificada como uma professora feminista, Débora Diniz, em suas aulas do referido curso, ampara a metodologia científica com base no feminismo

⁵ DINIZ, Débora. *Aborto no Brasil: uma pesquisa domiciliar com técnica de urna*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, p.959-966, jun. 2016. Disponível em: <doi.org/10.1590/S1413-81232010000700002>. Acesso em 20 abr. 2022.

decolonial, discute as questões de método de pesquisa e ensina como estruturar textos acadêmicos voltados para a divulgação científica. Esses tópicos são abordados em seu *Instagram* desde meados de 2020. O projeto do curso de extensão, que surgiu a partir da sequência de *lives* denominadas *Banquinhas*, como diminutivo de uma banca acadêmica, aborda desde como fazer um projeto de pesquisa, um resumo, uma resenha, até como se portar em entrevistas de seleção, como formar grupos de estudos ou como lidar com problemas relacionados à orientação. O diferencial desta série de vídeos, que sob a chancela da UNB, tornou-se um curso de extensão com certificados, é que, além do formato acessível, as pessoas que assistem as aulas (regularmente inscritas ou não) contam com a interação e com as respostas das perguntas sobre os temas.

Obviamente este curso de extensão não pretende e não substitui as orientações oficiais ou mesmo os diálogos realizados com grupos de estudo e colegas da pós-graduação, no entanto, espaços como estes abertos pelos perfis de professoras como Débora Diniz, transformam uma rede social em um espaço de divulgação científica capaz de auxiliar o processo de pesquisa acadêmica de muitas pessoas, sobretudo nos períodos de maior distanciamento devido à pandemia do COVID-19.

2. As escritoras e o *corpus*

Em relação ao *corpus* da minha pesquisa de doutorado, o objetivo principal é analisar o discurso amoroso entre mulheres na literatura brasileira do início do século XXI, mais precisamente no período demarcado entre as décadas de 2000 a 2020. Para tanto, eu tenho observado como o discurso amoroso e o discurso feminista, em suas diversas vertentes, principalmente no feminismo interseccional e negro, tem se manifestado na literatura ficcional. Além disso, observo quais as

diferenças que esses discursos podem conter, caso minha hipótese de que há essas diferenças, seja comprovada.

As duas obras que analiso mais detidamente para isso são *Amora*, de Natalia Borges Polezzo, (2015) e *Lundu*, de Tatiane Nascimento, (2016). Nestes dois exemplos, de prosa e poesia, respectivamente, temos autoras bastante atuantes no *Instagram*. É sabido que tanto editoras de menor porte ou independentes, quanto os grandes grupos editoriais nacionais têm direcionado ações de marketing por meio desta rede social. Os escritores publicados por estas empresas muitas vezes precisam fazer divulgações de suas obras por meio de seus perfis pessoais (REBELLATO; RODRIGUES, 2016, p.22-25).

No caso de Tatiana Nascimento, que publicou *Lundu* pela Padê Editorial⁶, e que já teve publicações tanto de ficção como de teoria em outras editoras, em seu perfil de *Instagram* temos acesso não só à sua produção poética, como às suas atividades como cantora, compositora, ensaísta e teórica. É por meio deste perfil que a escritora divulga sua produção escrita, lançamentos de livros, palestras e traduções, como também seus cursos ministrados *online*, entre 2020 e 2021, por exemplo, o “Curso sobre privilégio branco” ou sobre narrativas com discurso amoroso entre personagens negras, na literatura e nas produções audiovisuais, denominado “Palmitagem ou paraíso”, do qual tive a oportunidade de participar em 2021 via plataforma *Zoom*.

Um aspecto importante do acesso ao perfil da rede social da autora é o acompanhamento quase diário das postagens que revelam um mosaico de fragmentos sobre a obra poética e ensaísta e sobre elementos da vida pessoal da escritora. Esse mosaico muitas vezes permite entrever alguns posicionamentos teóricos e políticos da autora. Além disso, permite o acesso a algumas referências de outras obras e autoras consultadas por Tatiana Nascimento. Essas referências por si só não são capazes de embasar pontos de análise da obra, mas permitem

⁶ A Padê Editorial foi uma iniciativa voltada para a produção autoral LGBTQ que ganhou vulto entre 2017 e 2020 depois de ser selecionada pelo Fundo *Elas de Investimento Social*. Esta editora publicou mais de 60 pessoas LBTs, delas 80% de pessoas negras. Disponível em: <<http://pade.lgbt/sobre/>>. Acesso em 20 abr. 2022.

um direcionamento que dificilmente seria tão vasto se dependesse de uma fortuna crítica revisitada décadas depois.

É certo que esse mosaico tem partes da vida pessoal, parte da produção artística e, no caso dos recortes de *Instagram*, nem sempre é simples diferenciar o que é um, o que é outro, ou ainda, o que é a narrativa de si, nem sempre real, no contexto das redes sociais. No artigo “O imperativo da felicidade em sites de redes sociais: materialidade como subsídio para o gerenciamento de impressões (quase) sempre positivas” (2014), é possível refletir como o *Instagram* e outras redes sociais nos impulsionam a postar conteúdos que romantizam a vivência real, feita de momentos bons e ruins. É como se neste ambiente fizéssemos uma edição com nossos melhores ângulos (e discursos) para que apenas a parte mais bela (e, em casos profissionais, mais rentável) viesse à tona (CARRERA, 2014, p.35-41).

Desse modo, por mais que a proximidade via perfil de *Instagram* possa contribuir com o direcionamento de referências utilizadas pela autora em suas produções, com o diálogo com outras intelectuais de seu tempo, com a divulgação de eventos *online* ou presenciais, é preciso alguma parcimônia no recorte. Por isso, o trabalho de análise da obra *Lundu*, no caso da minha pesquisa em curso, é centrado na própria escrita da autora e naquilo que o livro nos permite analisar, visto que as opiniões expostas pelas autoras nem sempre se mantêm em consonância ao que fora escrito em obras anteriores.

É com esta perspectiva crítica e parcimoniosa que observo também o perfil de *Instagram* de Natalia Borges Polezzo, autora do premiado livro *Amora*, que integra o *corpus* de minha tese. Natalia Borges Polezzo, assim como Tatiana Nascimento, é bastante atuante em suas redes sociais. Por meio deste espaço midiático a autora promove os lançamentos de seus livros, as traduções feitas, os eventos patrocinados pela editora para a qual trabalha, a Companhia das Letras, suas oficinas literárias e participações em clubes de leitura, grupos de estudos e eventos relacionados à literatura de modo geral.

Formando igualmente uma espécie de mosaico entre pequenos fatos cotidianos relacionados à sua vida pessoal, seus posicionamentos políticos e sua atuação como escritora e pesquisadora, Polesso também promove a possibilidade de que pessoas que estudam sua obra, academicamente ou não, tenham contato com suas opiniões, seu processo de criação artística, suas referências e sua pesquisa de pós-doutorado sobre autoria de pessoas lésbicas.

Ainda sobre as referências, a partir da divulgação via perfil de *Instagram*, também pude participar do curso de Estudos Críticos (2020), chancelado pela Universidade de Caxias do Sul, em que, em seu âmbito de pesquisadora, Natália Borges Polesso promoveu a discussão de textos teóricos de intelectuais como Lélia Gonzalez e Walter D Mignolo, entre outros, que em muito embasam sua criação artística e dialogam com meu projeto de pesquisa.

Outro ponto positivo é o acesso direto aos discursos das autoras voltados para o tema do meu trabalho, visto que o discurso amoroso em tempos de distanciamento social ao invés de diminuir, ecoou com mais força pelos ambientes virtuais. Em muitas lives as escritoras além de se posicionar sobre as construções de personagens ou de enunciações poéticas sobre o amor, relatavam as obras que as inspiravam tanto em termos de teoria, quanto no campo da ficção.

Penso que o acesso a tais informações enriquece e amplia as possibilidades do meu trabalho. Saber das perspectivas das próprias escritoras em relação ao discurso amoroso e quais são suas referências intensifica a potência da análise, visto que os dados estão ali, assegurados pelas próprias escritoras. Me cabe, portanto, uma análise muito mais próxima do pensamento enunciado de quem escreveu, de que quando a obra é mediada apenas pela crítica posterior.

No entanto, nem sempre essa quase simultaneidade é benéfica, o excesso de informação, a necessária curadoria de imagens, textos e vídeos que podem contribuir com a pesquisa, bem como o pensamento sobre a transposição para as normas dos textos acadêmicos de *tweets*, *stories* e outras manifestações midiáticas contemporâneas, também geram dificuldades de seleção. O volume de



informações é intenso, volátil e mutável, ainda mais em tempos de imaterialidade das fontes e da escassez de tempo, no entanto, creio que em períodos de maior restrição de circulação como foram os anos de 2020 e 2021, acompanhar a circulação dessas informações — sejam elas metodológicas ou literárias — foi benéfico para a realização das análises da minha pesquisa. Trata-se, sim, de reconhecer como em um período tão complexo para o diálogo da pesquisa acadêmica, os perfis mencionados ressignificaram o contato possível dentro de uma rede de afetos, apesar da distância.

Referências bibliográficas

BARTMEYER, Susana Maria; SALLES FILHO, Nei Alberto. O direito humano das mulheres à educação e a pandemia da covid-19: uma análise da sobrecarga das estudantes da UEPG. *Revista Educ@ção Científica*, [S.L.], v. 4, n. 8, p.1043-1060, 26 out. 2020. Disponível em: <<https://periodicosrefoc.com.br/jornal/index.php/RCE/article/view/106>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CARRERA, Fernanda. Imperativo da felicidade em sites de redes sociais: materialidade como subsídio para o gerenciamento de impressões (quase) sempre positivas. *Revista Eptic On-Line*, Aracaju, v. 1, n. 16, p.33-44, 17 jan. 2014. Quadrimestral. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/eptic/issue/view/182>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

DINIZ, Débora. *Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa*. 2. ed. Brasília: Letras Livres, 2013.

GOMES, Victoria de Vasconcelos. *Procrastinação acadêmica: um estudo acerca das variáveis ambientais que influenciam no comportamento de adiar tarefas entre estudantes universitários*. 2018. 47 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/42528/1/2017_tcc_vgomes.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

NASCIMENTO, Tatiana. *Lundu*. Brasília: Padê, 2016.

POLESSO, Natália Borges. *Amora*. Porto Alegre: Não Editora, 2016.

REBELLATO, Julia Zielke; RODRIGUES, Letícia Sperotto. *Uso das mídias sociais pelas editoras: um estudo com enfoque na visibilidade: um estudo com enfoque na visibilidade*. 2016. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Produção Editorial, E Ciências da Comunicação - Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16800/Rebellato_Julia_Zielke_e_Rodrigues_Let%3%adcia_Sperotto_TCC_2016.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 abr. 2022.

TOLEDO, Leslie Campaner de; ROCHA, Maria Anita Kieling da; DERMAM, Marina Ramos; DAMIN, Marzie Rita Alves; PACHECO, Mauren (Org.). *Manual para o uso não sexista da*



linguagem: o que bem se diz bem se entende. Porto Alegre: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2012. 112 p. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2012.

Recebido em 28/04/2022
Aceito em 10/06/2022